

COMO O ESTUDANTE DE ARQUITETURA É PREPARADO PARA CRIAR O LUGAR DO SÉC.XXI?

Pretende-se com este artigo questionar o preparo que nós, acadêmicos de arquitetura, estamos recebendo para criar o lugar do século XXI. Que lugar é esse? Como nós, enquanto futuros arquitetos e urbanistas, deveremos atuar?



Fig.1: Que lugar é esse?
Fonte:<http://japanese.berkeley.edu/Pictures/Lo4/Ex-VII-B3.jpg>

O Arquiteto cria lugares no espaço, e os pensa na tentativa de expandir o conhecido, desafiar o desconhecido e descobrir o novo. Ora é responsável em criar o lugar dos sonhos ou da realidade, ora em prever o lugar do futuro sem esquecer do passado. Ele é peça importante para sua criação e concepção conforme uma necessidade específica, seja ela qual for.

Mas para nós, enquanto alunos de arquitetura e urbanismo, o que é um lugar? Como entender e criar o lugar que nos será exigido no futuro e que lugar será esse? Ao citar Tuan e Reis-Alves (2007), nota-se que muitas vezes o significado de espaço se funde com o de lugar, uma vez que as duas categorias não podem ser compreendidas uma sem a outra. Segundo os autores, o que começa como um espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

Ainda referenciando-se em Tuan, o autor comenta que a relação do usuário com o espaço é de extrema importância para a transformação do espaço em lugar. De acordo com esse posicionamento, cabe questionar, de que forma nós, estudantes de arquitetura, estamos sendo preparados para lidar com esse usuário e, principalmente, como nos posicionamos criticamente para entendê-lo e, assim, projetar esse novo lugar.

Ao falar sobre o estudante, o Arq. e Professor Joan Villá comenta: "[...] Percebo que o interesse dos alunos vem crescendo. Eles são mais dedicados e informados, mas talvez menos críticos." Podemos perceber este problema também sendo levantado por alguns alunos. Essas opiniões são lançadas, em sua maioria, de maneira informal, através de sites e fóruns estudantis, como é o caso do acadêmico Petter Isackson que escreve em um site:

[...] Outros males ainda dificultam o aprendizado de projeto, como a falta de uma mentalidade crítica dos alunos [...] Como se pode aprender projeto sem uma percepção crítica do que estamos fazendo? [...] Onde está a teoria de projeto e a interatividade com as outras disciplinas do curso?

Fig.1: Que lugar é esse?
Fonte:<http://japanese.berkeley.edu/Pictures/Lo4/Ex-VII-B3.jpg>

O aluno ainda contrapõe sua indignação com uma citação de Edson Mahfuz, arquiteto e professor de projeto da UFRGS:

[...] parece inquestionável que a disciplina de prática de projetos é a mais importante, pois é nela que se realiza a síntese de todos os conhecimentos necessários ao projeto de edificações, espaços abertos e de urbanismo. (ISACKSON, 2010 apud MAHFUZ, 2009)

Se existem lacunas, e estas já são identificadas, tanto no posicionamento crítico quanto na integração entre as disciplinas dentro do processo de ensino de arquitetura, por que elas ainda persistem? Será esta, a manifestação de um sistema não mais eficaz atualmente e que pelo que percebemos é majoritário?

Ao estudar o início do sistema de ensino focado nos ditames do Movimento Modernista no Brasil, Ströher busca referenciar-se nos estudos publicados por Carlos Eduardo Comas e coloca:

"[...] as contradições intrínsecas ao marco ideológico modernista, gerado no seio de um pequeno grupo de arquitetos vanguardistas europeus entre os anos 20 e 30, do século XX, são absorvidas pelo sistema de ensino brasileiro a partir dos anos 50 sem maiores questionamentos, talvez em função das grandes realizações que nossa arquitetura havia produzido pouco antes, fundamentada naquela ideologia.[...] As duas proposições modernistas para a concepção do partido arquitetônico são: a idéia de que o projeto é consequência natural de uma correta interpretação do programa e da escolha da técnica que melhor se compatibilize com a função; e a idéia de que a excelência em arquitetura será obtida pelo gênio inspirado, latente em cada profissional e estudante." (STRÖHER, 2008 apud COMAS, 1986)

Ao ler essa citação, entende-se que o aluno de arquitetura só se tornaria um arquiteto, caso já estivesse sido "abençoado" com a graça do saber projetar logo ao nascer. Novamente estes termos, enquanto "regras" para se aprender e ensinar a projetar são citados logo abaixo, por Ströher ao abordar o pensamento do professor Rogério Oliveira.

[...] Quando fala sobre o gênio, o faz sob o pressuposto modernista de que a "arquitetura não se ensina", pois o gênio do aluno deverá captar, com uma espécie de antena (nas palavras de Colin Rowe e Fred Koetter – Collage City – citados por ele), os desígnios de alguma musa, a quem compete criar obras originais, sem referências. (STRÖHER, 2008, apud OLIVEIRA, 1986)

Ströher também publica em seu artigo o depoimento de um aluno que diz ter recebido, na década de sessenta, o ensino de arquitetura conforme o que se poderia chamar de método moderno.

Nesse sentido, meu depoimento de estudante da década de sessenta, reflete bastante aquilo que poderíamos chamar, aplicação do método Bauhaus ao ensino da arquitetura. Convém salientar que um ano antes de meu ingresso na Faculdade, o currículo do curso havia sofrido uma radical transformação, visando adequar o ensino aos padrões de modernidade que quase todos os arquitetos vinham praticando há bastante tempo. Coerentes com a ideologia e com os princípios modernistas, os professores recusavam, de maneira geral, o debate estético sobre o projeto e o fornecimento de parâmetros projetuais que não fossem o simples programa e poucos textos de Le Corbusier ou de Lúcio Costa. Esperava-se que se aprendesse a fazer arquitetura, fazendo arquitetura, e, como a produção dos alunos, na maioria das vezes, não atingia o nível pretendido, além do velho refrão "tente outra vez", que sempre caracterizou o processo de ensino em várias disciplinas, pairava no ar uma certa inquietação, uma expectativa para que os estudantes captassem, sabe-se lá como, algum espírito da época que os incluiria no estrito rol daqueles que tinham jeito para a arquitetura (expressão muito utilizada pelos professores que circulavam pelos ateliês de projeto).

Conforme o aluno conclui, a soma desses procedimentos, parecia partir do pressuposto de que o aluno sabia projetar, um princípio que, segundo Ströher, parece estar implícito em quase todos os métodos posteriores aos anos de 1960.

Se o sistema de ensino focado nos ditames do movimento modernista, utilizado na formação do arquiteto de 1960, já era considerado pelos próprios alunos um sistema ineficiente para a prática do projeto da época, por que este sistema de ensino ainda é vigente? Será que a realidade e as necessidades das nossas cidades não mudaram desde aquela época?

A globalização está em curso, entre outras coisas, por causa de duas revoluções: a Tecnológica e a da Informática, que, juntas, romperam fronteiras e trouxeram o avanço econômico e industrial para as cidades. O conceito e a necessidade do viver, morar, usar e gostar mudou muito.

Em 1900 só 1 % da população mundial morava em regiões metropolitanas. Hoje, metade da população vive nas cidades e, segundo estudos da ONU para o ano 2025, essa percentagem elevar-se-á para 63%; na América Latina, Ásia e em muitas outras partes do mundo esta última percentagem já foi sobejamente ultrapassada. [...] Por volta de 2050, o mundo deverá ter mais 3 bilhões de pessoas do que as atuais, atingindo o total de 9 bilhões de habitantes; estima-se que só na Ásia haverá 50 mega-cidades com mais de 20 milhões cada.

Com os avanços tecnológicos e econômicos, as metrópoles tornaram-se atrativas para o trabalho e consumo, o número populacional aumenta, as cidades incham e conseqüentemente passa a existir uma maior necessidade da criação de novos lugares para se viver e trabalhar. O consumo de materiais e os gastos nas construções aumentam, e, conseqüentemente, seus resíduos também.

Nós acadêmicos, com a formação que recebemos hoje, saberemos lidar com essas mudanças? Conforme explica Afonso, o arquiteto desse novo século, não poderá deixar de se preocupar com novas propostas de materiais, soluções construtivas, tipos formais e reciclagem de materiais e componentes, sendo estes, importantes para a redução dos custos, dos gastos energéticos e da poluição ambiental.

Fig. 2: Cidade do Futuro. Masdar City.
Fonte: http://www.siemens.com/innovation/en/highlights/industry/update_02/plugging-buildings.htm



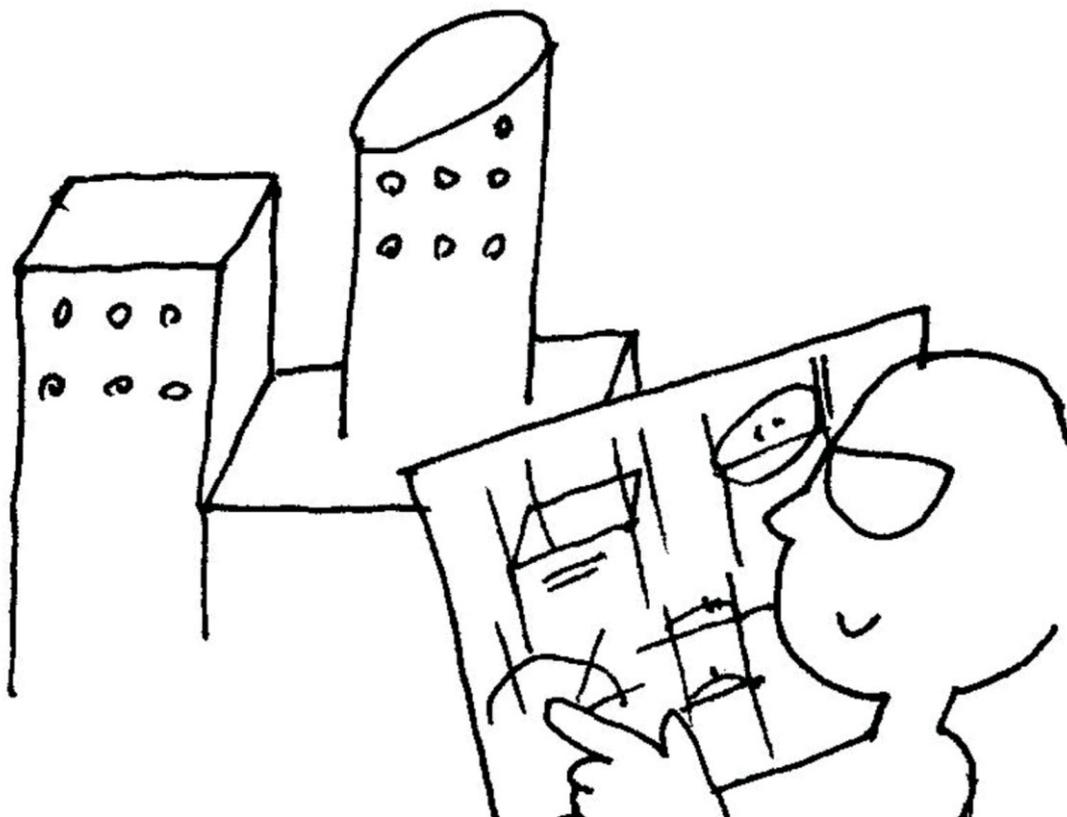


Fig. 3: Pensar a Cidade.
Fonte: <http://japanese.berkeley.edu/Pictures/L17/architect.jpg>

Especulando sobre o lugar do futuro, Limena ao falar das cidades complexas do sec. XXI, comenta que:

Podemos ter esperanças para nossas cidades? O que, em particular, podemos delas esperar? Todos nós almejamos viver em lugar seguro, sem transtornos e felizes; entretanto, que essas esperanças possam vir a ser fundadas numa outra forma de pensar a cidade, não mais a partir de padrões normativos ideais, mas no alargamento da imaginação, que deve contribuir para a apropriação do tempo, do espaço, da vida e do desejo, de modo a introduzir o rigor na invenção e o conhecimento na utopia.

A realidade do século XXI é diferente, é nova, é desafiadora, cabe ao arquiteto pensar o novo lugar-cidade, seu uso, seu sentido, sua necessidade. Que arquitetos serão esses? Respondendo, nós, os atuais estudantes de arquitetura. Porém, será que estamos aptos a isso, recebendo o ensino que em muito ainda lembra o nosso passado histórico modernista? Este sistema ainda funciona? Ou deveria ser revisto para atender aos novos tempos?

Novas experiências já estão sendo inseridas no ensino de projeto, como por exemplo, a prática de mesas redondas, entre alunos e professores, nas quais são compartilhados os problemas e soluções encontradas ao longo do processo. Porém, o posicionamento crítico do aluno poderia ser aguçado através da integração efetiva entre as disciplinas de teoria e crítica arquitetônica, e a própria disciplina de projeto enquanto base para projetar o lugar do século XXI.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Luiz Augusto dos Reis. O conceito de lugar. In: Revista Eletrônica Vitruvius, Publicado em: Agosto 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>. Acesso em: 15, Jul. 2010.

SERAPIÃO, Fernando. Joan Villà. Revista Projeto Design n. 361. Março 2010.

ISACKSON, Peter. Arquitetura e Urbanismo no Amapá. In: Site estudantil, Publicado em: 01/06/2010. Disponível em: <http://arquitetura-ap.blogspot.com/2010/06/0-ensino-de-projeto-no-curso-de.html>. Acesso em: 15, Jul. 2010.

STRÖHER, Ronaldo de Azambuja. Algumas considerações sobre o ensino do gosto em arquitetura. In: Revista Eletrônica Vitruvius, Publicado em: Janeiro 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.092/177>. Acesso em: 14, Jul. 2010.

AFONSO, José da Conceição. Urbanismo e Arquitetura para o século XXI. In: Revista Eletrônica Vitruvius, Publicado em: Maio 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.060/466>. Acesso em: 14, Jul. 2010.

LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. Cidades complexas no século XXI: ciência, técnica e arte. Artigo. Publicado em: 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a06v15n3.pdf>. Acesso em: 15, Jul. 2010.